

Milliet quer pagar juros 21 AGO 1987 JORNAL DO BRASIL após acordo com credores

BRASÍLIA — O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, condicionou a volta do pagamento de parte dos juros da dívida externa, suspenso pela moratória, a um acordo com os credores que satisfaça o Brasil e possibilite um aumento do nível das reservas cambiais. De qualquer forma, segundo Milliet, essa questão só será discutida em setembro com os credores, antes da reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI), quando a negociação da dívida brasileira começar efetivamente, como foi combinado com os credores durante a visita do ministro da Fazenda, Bresser Pereira, a Washington.

Milliet disse que até agora não foi estabelecida uma parcela de juros que o Brasil deveria depositar simbolicamente para não ter rebaixada a classificação dos seus créditos. O ex-presidente do BC, Fernão Bracher, atual assessor especial do ministro da Fazenda para assunto da dívida externa, disse que os próprios banqueiros negam que tenham estabelecido como obrigação o pagamento mínimo de US\$ 400 milhões para retornarem às negociações.

Ontem, o Brasil completou seis meses de moratória, o que, pela legislação americana, é o prazo para que o país tenha seus créditos rebaixados. Bracher, no entanto, reafirmou que o rebaixamento não é automático e será analisado por uma comissão de bancos americanos, no dia 20 de outubro. Até lá, Milliet e Bracher acham que é perfeitamente possível chegar a um acordo com os bancos credores.

Segundo Bracher, a legislação não é tão inflexível em relação a essa questão e, caso o Brasil demonstre interesse em pagar sua dívida e retomar a negociação,

os bancos podem não rebaixar a classificação dos créditos brasileiros. A legislação não obriga os bancos a fazerem a reserva por créditos duvidosos, caso o país devedor esteja empenhado na negociação.

De acordo com Milliet, uma única coisa é certa na questão da dívida brasileira: o Brasil não fará qualquer pagamento de sua dívida sem uma perspectiva favorável do estabelecimento de um acordo com os credores.

Milliet voltou a reafirmar o interesse do Brasil em estabelecer uma negociação que fixe *spread* zero. A um jornalista que perguntou se essa proposta não seria absurda, já que os credores jamais concederam este tipo de facilidade para qualquer devedor, Milliet respondeu que a redução dos *spreads* cobrados ao México também era considerada impossível, até ser adotada.

O ex-presidente do Banco Central e ex-ministro da Fazenda, Ernane Galvão, que junto com os outros ex-presidentes do BC participou de um debate organizado pela primeira turma de alunos do banco, comentou que as condições que estão sendo oferecidas pelos bancos credores são favoráveis e que o país está próximo de ter uma solução para o problema da dívida. Galvão, no entanto, acha que o Brasil não precisava ter declarado a moratória unilateral e oficial.

— Nós tínhamos um entendimento tão bom com a comunidade bancária internacional que eu sempre imaginei que seria possível encontrar caminhos diferentes para manter abertas as portas das negociações para conseguir dinheiro novo ou superar alguma dificuldade temporária no balanço de pagamentos — disse.